

# FAZ SENTIDO FALAR DE UM ESPAÇO AONDE PREDOMINEM AS FORMAÇÕES ECONÔMICAS PRÉ-CAPITALISTAS (*FORMEN*) HOJE EM DIA?: NOTAS SOBRE AS FORMEN DO POVOADO DE CAÇÕES, JAGUARIFE, BAHIA

Tânia Regina Braga Torreão Sá<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo do estudo é analisar a *formen* no povoado de Cações, município de Jaguaripe, Bahia. Sobre a teoria e métodos de análise empregados, oportuno se faz lembrar que, qualquer trabalho em que se pretenda debater as formas de reprodução do capitalismo não deve negligenciar, nem a necessidade de atualizar o debate e nem pode deixar de considerar que o legado do marxismo presta-se para pensar as relações capital/trabalho em seu movimento histórico. Os resultados e discussões dessa pesquisa indicam que as *formen* ainda sejam a forma sociometabólica predominante em alguns espaços consideradas 'atrasados', do que se conclui que, precisamos nos aprofundar mais as discussões sobre o assunto, a fim de que se possa reestabelecer a importância das *formen* como forma predecessora dos estágios mais avançados do sistema capitalista.

**Palavras-Chave:** Formações Econômicas Pré-Capitalistas (*formen*); Relações de Produção; Cações, Jaguaripe, Bahia.

# DOES IT MAKE SENSE TO TALK ABOUT A SPACE WHERE PRE-CAPITALIST ECONOMIC FORMATIONS (FORMEN) PREDOMINATE TODAY?: NOTES ON THE FORMEN OF POVOADO DE CAÇÕES, JAGUARIFE, BAHIA

**Abstract:** The objective of the study is to analyze the formen in the village of Cações, municipality of Jaguaripe, Bahia. Regarding the theory and methods of analysis used, it is worth remembering that any work that intends to debate the forms of reproduction of capitalism must not neglect the need to update the debate nor can it fail to consider that the legacy of Marxism It lends itself to thinking about capital/labor relations in their historical movement. The results and discussions of this research indicate that formens are still the predominant sociometabolic form in some spaces considered 'backward', from which it is concluded that we need to delve further into discussions on the subject, so that the importance of formen as a predecessor form of the most advanced stages of the capitalist system.

**Keywords:** Pre-Capitalist Economic Formations (*formen*); Production Relations; Cações, Jaguaripe, Bahia.

---

<sup>1</sup> Pós-Doutora em Geografia (PPGEO/UFS). Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade (PPMLS/UESB). Pesquisadora do GPECT e do GPMETE. Docente Titular do DCHL/UESB: [tania.braga@uesb.edu.br](mailto:tania.braga@uesb.edu.br).

## INTRODUÇÃO

Por que faz sentido falar das formações econômicas pré-capitalistas (*formen*) como forma predominante de reprodução do capital no povoado de Cações, Jaguaripe, Bahia? Essa é certamente a questão chave que procuro refletir nesse trabalho, até porque, alegar que tais formações estão presentes no espaço sociometabolizado pelo capitalismo hodiernamente, ainda parece ser um ponto gerador de algum nível de controvérsia entre os estudiosos do marxismo.

Explicamos, por conta disso, que o artigo que ora está sendo apresentado, *Faz sentido falar de um espaço aonde predominem as formações econômicas pré-capitalistas (formen) hoje em dia?: notas sobre as formen no povoado de Cações, Jaguaripe, Bahia*, tem origem a partir do desenvolvimento da pesquisa de Pós-Doutorado intitulada *Da transição das formas prototípicas à reprodução simples e ampliada do trabalho no povoado de Cações, Jaguaripe, Bahia. Determinantes da produção não capitalista no interior do espaço de reprodução capitalista*, que desenvolvi sob a supervisão/orientação da Professora Doutora Alexandrina Luz Conceição no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (PPGEO/UFS), de 2022 até 2023.

Nossas pesquisas de um ano apontaram que o trabalho com a pesca artesanal de peixes, crustáceos e mariscos é a principal atividade econômica desenvolvida nesse povoado caiçara e mais ainda, nossas investigações testificaram que o desenvolvimento da atividade da pesca artesanal se presta principalmente, para garantir a subsistência dos residentes de Cações, ou seja, o trabalho realizado nesse povoado corrobora muito mais com a produção de valores de uso que de troca. E tanto isto é verdadeiro que, conforme dados do Censo Demográfico (IBGE, 2010), o povoado de Cações tem 2.537 moradores e 99,7% são proprietários dos imóveis, segundo informações levantadas no Cartório de Registro de Imóveis, Títulos e Documentos de Jaguaripe, em janeiro de 2023, terras reconhecidas através do usucapião<sup>2</sup>.

A condição de ser proprietário das terras em que moram se constitui em *sine qua non* para afirmar o sociometabolismo das *formen*. Ademais, os pescadores de Cações também, são donos dos meios de produção – das canoas, dos pequenos motores das embarcações, das colheres de cavar chumbinho, dos facões, dos baldes, das redes de pescar peixes, das gaiolas de pegar siri, etc –, enfim, das ferramentas com que realizam o seu trabalho.

E devido ao fato de haver sido constatado que 99,7% dos moradores de Cações são proprietários dos imóveis em que residem, bem como, devido ao fato de também, ter sido verificado que esses moradores são donos das ferramentas com que realizam o seu trabalho, constatou-se que as *formen* predominam como relação

---

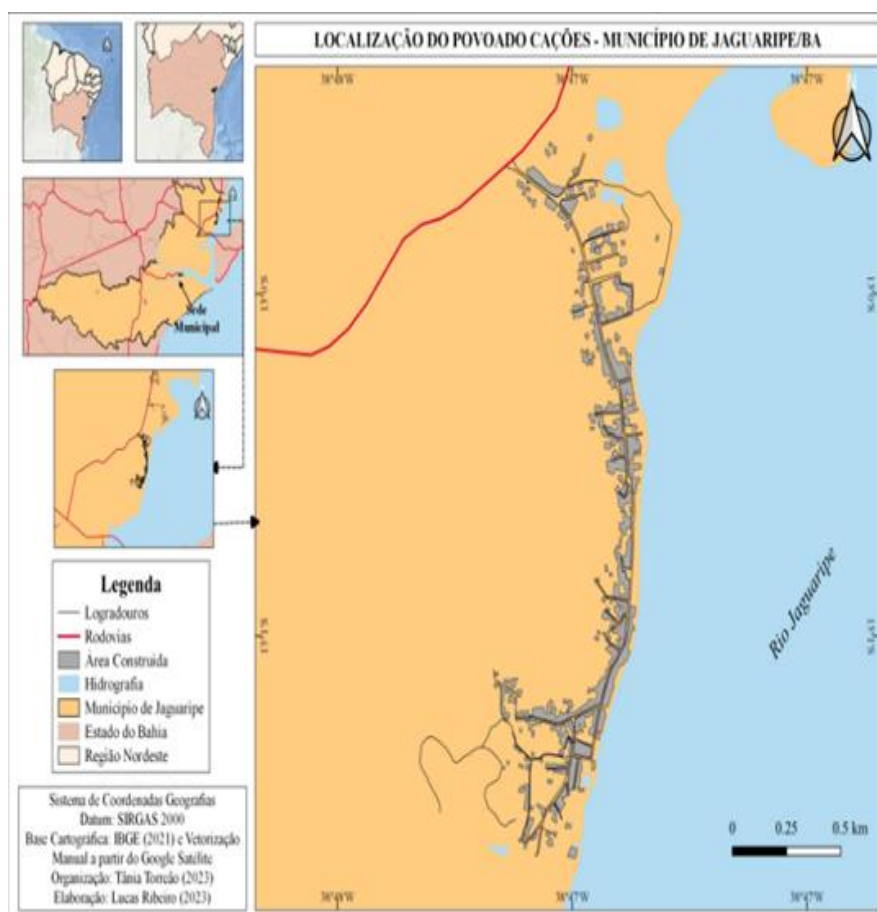
<sup>2</sup> O Código Civil Brasileiro, de 10 de janeiro de 2002, aliás, estabelece as balizas para a concessão de terras através do usucapião: Art. 1.238. Aquele que, por quinze anos, sem interrupção, nem oposição, possuir como seu um imóvel, adquire-lhe a propriedade, independentemente de título e boa-fé; podendo requerer ao juiz que assim o declare por sentença, a qual servirá de título para o registro no Cartório de Registro de Imóveis. § 1º O prazo estabelecido neste artigo reduzir-se-á a dez anos se o possuidor houver estabelecido no imóvel a sua moradia habitual, ou nele realizado obras ou serviços de caráter produtivo. Art. 1.239. Aquele que, não sendo proprietário de imóvel rural ou urbano, possua como sua, por cinco anos ininterruptos, sem oposição, área de terra em zona rural não superior a cinquenta hectares, tornando-a produtiva por seu trabalho ou de sua família, tendo nela sua moradia, adquirir-lhe-á a propriedade. Art. 1.240. Aquele que possuir, como sua, área urbana de até duzentos e cinquenta metros quadrados, por cinco anos ininterruptamente e sem oposição, utilizando-a para sua moradia ou de sua família, adquirir-lhe-á o domínio, desde que não seja proprietário de outro imóvel urbano ou rural. § 1º O título de domínio e a concessão de uso serão conferidos ao homem ou à mulher, ou a ambos, independentemente do estado civil. § 2º O direito previsto no parágrafo antecedente não será reconhecido ao mesmo possuidor mais de uma vez (Brasil, 2002, s.p.).

produtiva, justamente porque, nesse espaço ocorre a nucleação do trabalho da pesca artesanal em base familiar, tendo em vista o alto nível de desregulamentação dos processos associados a exploração desse – trabalho – e, também, tendo em vista, a insipiência de mecanismo de regulação do uso dessa força, inclusive, registra-se que nesse povoado não são estabelecidas com o “rigor marcado pelo relógio de ponto”, as horas da jornada que garantem algum nível de acesso a seguridade social que a maioria dos trabalhadores formais ou informais conquistaram.

Mas, aonde o povoado de Cações fica localizado? Cações é um povoado caiçara que faz parte do distrito de Pirajuiá, município de Jaguaripe, Estado da Bahia. O município de Jaguaripe, aliás, é o mais antigo da Região do Recôncavo do Estado da Bahia, fundado em 1625 com o nome de Vila de Nossa Senhora D’Ajuda de Jaguaripe. O município de Jaguaripe faz limites geográficos com os municípios de Aratuípe, Valença, Nazaré das Farinhas, Vera Cruz, Salinas da Margarida, Maragojipe e Laje.

E sobre a localização geográfica do povoado de Cações especificamente, ele estabelece limite norte com o Oceano Atlântico; ao sul o Rio Paraguaçu e a Baía de Todos os Santos; ao leste com o município de Vera Cruz, povoado de Matarandiba; e a oeste da BA-001.

Figura 1. Mapa da localização do Povoado de Cações, Jaguaripe, Bahia



Fonte: Organizador: Tânia Regina Braga Torreão Sá (2021). Elaboração: Lucas Ribeiro (2021). Disponível em: Google Earth (<https://earth.google.com/web/search/Ca%C3%A7%C3%B5es+-+Pirajui%C3%A1,+Jaguaripe+-+State+of+Bahia/>). Acesso em: 21/02/2024.

O que motivou a pesquisar Caçães foi o fato de conhecer e frequentar esse povoado, como veranista, desde que tinha menos que um ano de idade. Ainda sendo uma criança, passei a ser levada por meu pai para passar as férias, em muitas oportunidades nesse lugar. Também, me impulsionou a pesquisar, o fato de haver constatado que poucos estudiosos têm se interessado em pesquisar sobre Caçães apesar das singularidades desse espaço serem muitas, dentre as quais se incluindo uma enorme beleza paisagística que aliás, é pouco explorada como recurso econômico. Caçães tem uma vista privilegiada dos morros que compõem o relevo da contracosta da Ilha de Vera Cruz, povoado de Matarandiba se constituindo num espaço que, ademais, é intervalado pelas águas calmas e quentes da Baía de Todos os Santos.

Figura 2. Canoa de pesca utilizada pelos moradores em Caçães, Baía de Todos os Santos / Rio Jaguaripe (2023).



Fonte: Foto de Caroline Carvalho, (2023).

Figura 3. Siris pescados pelos moradores de Caçães e armazenados em cesta artesanal, ao fundo Baía de Todos os Santos /Rio Jaguaripe/BA.



Fonte: Foto de Caroline Carvalho, Rio Jaguaripe/BA, (2023).

Apesar de Cações ter uma paisagem marcadamente bela e haver fartura de seus recursos naturais – peixes, mariscos e crustáceos –, tal beleza não tem despertado interesse, pelo menos nos ambientes de pesquisa. Uma consulta nos buscadores – especialmente no *Google* e *Google Acadêmico* – comprovou, inclusive, que os estudos específicos sobre o povoado de Cações são praticamente inexistentes. Quando a pesquisa é apurada, inclusive, com base no uso da técnica da bibliometria e utilizando-se os vocábulos “Cações, Pirajuía, Jaguaripe” com o filtro “artigo” ou “dissertações”, “qualquer idioma” e “qualquer ano”, não aparecem produções relacionadas a este lugar. Paradoxalmente, o que existe - e registre-se - em inexpressiva quantidade, são levantamentos da infraestrutura do município de Jaguaripe presentes em relatórios técnicos disponíveis na internet. Nestes relatórios as informações sobre o povoado caçara, quando aparecem são fortemente diluídas pelas informações da sede municipal.

E como é importante reiterar que as *formen* não devem ser confundidas com um estágio estacionário do capitalismo mas, acima de tudo, devem ser entendidas enquanto formas prévias, protoformas desse sistema, faz-se mister esclarecer também, que não se ignora que a produção da mais-valia exista nesse lugar, só que essa implica numa processualidade mais lenta das múltiplas determinações que são embrionadas por esse sistema. Cações não é, por suposto, o ‘lado perdido do paraíso’, sabemos disso, e, por essa razão aventamos que um dia o capitalismo lá se reproduzirá ao ponto de podermos encontrar nesse espaço formas cristalizadas de relações de trabalho e processos de produção de valor, condizentes com o movimento de exploração desta categoria – o trabalho – em tal sistema, não se excluindo da complexificação dessas formas de produção, inclusive, a reprodução ampliada (D – M’ – D’).

E daí a pesquisa se justifica porque apresentou e analisou, como concorda Cheptulin (1982, p. 242) “[...] as vinculações orgânicas e interdependência histórica [...]” explicativas da transição e da coexistência das formas prototípicas de capitalismo com às formas de reprodução simples, e como já dito, no futuro, a forma da reprodução ampliada.

## POR QUE É POSSÍVEL FALAR DAS *FORMEN*?

Procurando escapar das controvérsias historiográficas, faz-se imperativo, a partir desse ponto, falar do trabalho de Marx, criador do vocábulo *formen*. As *formen* que se referem as formações econômicas pré-capitalistas. O texto sobre as *formen* foi elaborado por Marx entre 1857-1858, e, conforme Hobsbawn, autor do prefácio do livro publicado em separado da obra *Grundrisse* (2011“A”, [1939]), *Formações econômicas pré-capitalistas*, publicado pela editora Paz e Terra, em 2011, a ideia original de Marx era anexá-la a discussão contida na *Contribuição a crítica da economia política* (2008 [1859]) e ao *O capital I* (2011“B” [1867]). O texto sobre as *formen*, no entanto, foi publicado *post mortem* de Marx e nos *Grundrisse* (1939).

O texto dos *Grundrisse*, aonde o assunto das *formen* foi publicado, aborda o problema da evolução histórica da forma de reprodução pré-capitalista e foi elaborado na plena maturidade do pensamento do autor, correspondendo ao último trabalho de envergadura desse. E como as ideias de Marx não se esgotam numa única obra – isto é, Marx não aborda um assunto, para aventurar-se em outro completamente novo, elas percorrem todos os textos do autor –, podemos ler em outras obras escritas por esse filósofo, especialmente, no livro *Contribuição à crítica da economia política* (2008, [1859]), o materialismo histórico em sua forma mais rica.

Quando discute as *formen*, especificamente, Marx preocupa-se em estabelecer um mecanismo explicativo geral para o entendimento de todas as transformações sociais, isto é, ele discute o estágio definitivo de desenvolvimento das forças produtivas materiais e o desenvolvimento periódico dos conflitos entre as forças produtivas e as relações de produção. E o que mais nos anima a escrever esse texto é saber que, no caso de nossa área de estudos, o povoado caiçara de Cações, município de Jaguaripe, Estado da Bahia, não há uma periodização – temporal – estrita para falar dessas transformações, porque as *formen* não se constituem em processos que se possa julgar acrônicos, mas se tratam de processos que são sociometabolizados na própria dinâmica interna do desenvolvimento capitalista, na manifestação de suas protoformas, isto é, em suas formas preliminares. Protoformas que existem porque o capitalismo não é um bloco cimentado de processos marcados pela coesão desenvolvimentista, mas um conjunto de processos eivados de contradições, inclusive, as que são instadas nas formas associadas ao desenvolvimento de suas fases.

As *formen* expressam o conteúdo da história de forma mais geral, e, além disso, tentam evidenciar as características de toda teoria dialética e história do progresso humano. No texto das *formen*, aliás, Marx “[...] busca, e realmente consegue, aquelas qualidades de economia intelectual, generalização e lógica interna consistente, que os cientistas costumam denominar de “beleza” e “elegância” [...]” (Hobsbawn, 2011, p.15), e temos que dizer que, de beleza e elegância Marx entende, pois, esse autor institui a base objetiva do humanismo, enquanto discorre sobre a teoria geral de evolução social e econômica do homem, do homem enquanto ser ontológico, social. Ele discute a forma como os homens realizam trabalho, isto é, Marx discute o modo como o trabalho é criado e como ele se reproduz.

O trabalho, o progresso e a força da crença no livre desenvolvimento de todos os homens enquanto animais sociais, eis os temas destacados nos escritos de Marx. Para ele, aliás, os homens realizam trabalho, criam e reproduzem a sua existência, transformando a natureza ao seu redor, na prática diária de também reproduzir o que há de mundano na vida: comer, beber, respirar, dialogar com os amigos e conhecidos, ir ao seu emprego, etc. E é no esforço de compreensão de todas as práticas sociais relacionadas e, por assim dizer, consideradas ‘mundanas’, corriqueiras, que Marx desenvolve o conceito de apropriação, para ele, nada além do que um aspecto do trabalho. E como as práticas sociais, o trabalho e a apropriação estão unidos dentro de uma relação dialética, tudo isso se soma na identificação da forma específica do conceito de propriedade privada, propriedade na forma histórica que o capitalismo produziu, é claro(!), isto porque, para o sistema do capital, os empresários são tornados completamente livres para se apropriarem da terra e do trabalho que dela se extraí, da forma como bem quiserem.

Investigando as relações capitalistas a partir das *formen*, então, compreende-se que inicialmente, o relacionamento do trabalhador com as condições objetivas da produção de seu trabalho é o de proprietário dos modos de produção. E é por isso que, sendo proprietário, e, sobretudo, sendo um animal social, esse homem social desenvolve, através da cooperação com os outros homens, a divisão social do trabalho – isto é a especialização das funções do trabalho – possibilitando primeiro, o uso e, depois a geração de excedentes dessa produção. Inclusive, é essa geração de excedentes que tornam possíveis as trocas.

Dando prosseguimento é preciso dizer que Marx contribuiu decisivamente para o melhor entendimento das relações sociedade/natureza. E ele faz isso quando

interpreta o fenômeno da acumulação e o associa às contradições instadas dentro das relações capital *versus* trabalho. É através do estudo das relações capital *versus* trabalho que se pode constatar a existência das desigualdades sociais, desigualdades essas que são acentuadas como contradições que fazem parte do tecido socioespacial produzido pelo capitalismo e que se expressam concretamente na forma da espacialização da riqueza e da pobreza, do centro/periferia e da organização cidade/campo.

Ao contrário dos liberais, Marx não concebe a natureza como fonte ilimitada da produção de matérias-primas e nem como recurso gratuito. Para ele:

[...] que sobreleva é a relação do homem com a natureza por meio do trabalho e a humanização sob o aspecto de autocriação do homem no processo de transformação da natureza pelo trabalho. As mudanças nas formas de trabalho constituem os indicadores básicos da mudança das relações de produção e das formas sociais em geral do intercurso humano. O trabalho é, portanto, o fundamento antropológico das relações econômicas e sociais em geral [...]" (Marx, 2011 "B", p. 51).

As contradições atinentes ao trabalho, ou melhor dizendo, a relação capital *versus* trabalho no sistema capitalista expressam na forma das desigualdades socioespaciais e a compreensão científica de tais contradições somente pode advir do estudo das razões pelas quais isto ocorre.

De acordo com as análises de Marx, a continuidade do modo de produção capitalista tem como pôr teleológico, por um lado, promover a maximização dos lucros oriundos de tal produção, além de conduzir tendencialmente, a uma crescente exploração, alienação e expropriação da força de trabalho. Por outro lado, e como consequência dessa maximização, a contiguidade do sistema capitalista também conduz à deterioração da base de produção econômica, da fonte de onde se extrai toda a riqueza, que é a natureza. Não obstante, tanto mais o homem explora a natureza, tanto mais ele se emancipa dessa, mas ele se distancia também, da possibilidade de consignar processos históricos que o libertem socialmente, ontologicamente. Nessas condições, ele mesmo vai se desrealizando como ser social, sendo a própria troca que atua como agente fundamental dessa desrealização. É nessas circunstâncias, inclusive, que o estágio final do capitalismo se desenvolve – as relações ampliadas do capital – transformando a comunidade radicalmente. Assim é que, também "[...] na economia burguesa – e na forma de produção correspondente – este completo desenvolvimento das potencialidades humanas aparece como uma total alienação e a destruição de todos os objetivos fixos e unilaterais, como o sacrifício do fim em si mesmo [...]" (Hobsbawn, 2011, p.19).

Mas, apesar, de nas *formen*, o capitalismo não ter alcançado um estágio tão avançado sistematicamente falando, não se pode pressupor que essa forma de reprodução do capital, seja completamente 'pura', porque isto é inverídico e, mais que isso, impossível de ser sociometabolizado. As formas de reprodução simples e ampliadas estão lá em Caçoes, tanto quanto as *formen* também estão, conquanto a diferença entre esse povoado e outros espaços, por assim dizer, mais desenvolvidos, é que em lugares como nesse povoado caíçara, a reprodução

simples é ampliada não foram sociometabolizadas com energia suficiente para tornarem predominantes.

Para Marx “[...] as relações sociais de produção (i. é organização social no mais lato dos sentidos) e as forças produtivas materiais (a cujo nível aqueles correspondem) não podem ser separadas [...]” (Hobsbawn, 2011, p.19), pois, a estrutura econômica da sociedade, reconhecem os marxistas, deve ser formada pela totalidade das relações de produção, posto que, o desenvolvimento econômico a rigor não pode ser decomposto em fatores isolados, em eventos isolados.

As relações sociais de produção e as forças produtivas, decerto, não podem ser separadas, exceção se faça, no entanto, se considerarmos que elas podem acontecer em épocas determinadas e estruturas sociais particulares. Destarte, quando se investiga o tempo e o progresso que prospecta transformações nessas estruturas sociais, percebe-se que, caracterizando-se o capitalismo como uma relação e um processo ao mesmo tempo, as relações produtivas – relações capital x trabalho – e as forças produtivas – a força de trabalho e os meios de produção –, sem a necessidade de estarem separados, podem experimentar estágios de desenvolvimento desiguais, pois, a sutileza de interpretação que precisa ser considerada nesse caso, é que as tais forças produtivas materiais não precisam ser sociometabolizadas em um nível correspondente de desenvolvimento.

## CONCLUSÕES

Nesse artigo oferecemos conhecimento e reflexões sobre a importância das formações econômicas pré-capitalistas (*formen*), forma de reprodução do capital que é caracterizada enquanto antecessora da reprodução simples – e, obviamente, da reprodução ampliada – e, que tem sido, senão, pouco estudada, ignorada por boa parte dos estudiosos marxistas. As *formen* são, por assim dizer, protoformas do capitalismo, formas prototípicas desse sistema ou como concorda o próprio Marx, as *formen* são “[...] uma unidade autossuficiente da...agricultura, na aldeia comunal que, assim, contém todas as condições para a reprodução, e para a produção de excedente, dentro dela própria [...]” (Marx, 2011 “A”, p.626), e é por esse motivo que, falar das *formen* hoje em dia é importante, pois, dentro dessas formas resistem elementos contraditórios, associados dialeticamente a desintegração econômica e a integração comunal.

## REFERÊNCIAS

HOBBSAWN, Eric. Introdução. Prefácio. In: MARX, Karl. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p.7-64.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Brasília, DF: IBGE, 2010.

IBGE. **Informações do Censo Demográfico**. Portal Cidades IBGE. 2020. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jaguaripe/panorama>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.



MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011 "A".

MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011"B".

MARX, Karl. **O capital**: Livro 1: crítica da economia política: processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011"B".